



Direitos humanos? A uma parte da imprensa brasileira, depende...¹

Wagner Barge BELMONTE²

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM, São Paulo, SP

Resumo

Na madrugada do dia 1º de maio de 2011, uma operação sigilosa sob o comando especializado da Marinha dos EUA invadiu uma casa na cidade de Abbotabad, próximo a Islamabad, capital paquistanesa e matou três pessoas: Bin Laden, sua esposa e seu filho. Este artigo discute a forma como as duas maiores revistas semanais de informação noticiaram a morte de Osama Bin Laden. Como foi tratada a operação militar norte-americana no Paquistão. Apresenta-se a cobertura em edições especiais e pretende-se mostrar certo alinhamento no tom da cobertura de parte da imprensa brasileira ao que fez a mídia norte-americana.

Palavras-chave: Jornalismo de Revista; Veja; Época; Cobertura especial Bin Laden; Critério de noticiabilidade;

Introdução

Imagine o seguinte enredo: um determinado país resolve deflagrar uma operação militar noturna em outra nação a milhares de quilômetros de distância, e em outro continente. Imagine também que esta operação militar não é uma guerra contra a nação onde ela será executada. Imagine ainda que as autoridades deste país não são notificadas sobre a operação, feita com tecnologia bélica de ponta e às escuras, na calada da noite. O saldo é a morte de uma pessoa, mas também de sua esposa e de um de seus filhos. A morte do terrorista Osama bin Laden, principal responsável por aquela que parece ser a

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero/SP e Professor de Graduação da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação FAPCOM, email: wagnerbelmonte@yahoo.com.br.



grande e talvez mais triste imagem deste novo século, ainda impõe uma galáxia de incertezas, um universo de dúvidas, um oceano de reticências.

A Organização das Nações Unidas já havia sido desrespeitada na Guerra do Iraque, em 2003. A ONU não avalizou a guerra preventiva de George W. Bush contra o regime de Saddam Hussein, no Iraque, mas o pretexto de encontrar armas de destruição em massa, nunca localizadas - diga-se de passagem-, preponderou.

Os Estados Unidos chamam para si o papel de guardiões da justiça (com o eufemismo humanitário de combate ao terrorismo) em escala global. E eles encontram abrigo na imprensa deles próprios e em veículos que rezam na cartilha sugerida ou imposta por uma espécie de *agenda setting* cultural. Nesse sentido, Charaudeau (2009) explica que a decisão de escolher o que será divulgado “se caracteriza por aquilo que retém ou despreza; a escolha põe em evidência certos fatos deixando outros à sombra” (CHARAUDEAU, 2009:38).

As quatro principais revistas semanais brasileiras de informação tomaram a morte de Bin Laden, anunciada no fim da noite de um domingo, 1º de maio de 2011, como tema central da edição seguinte. Já na ocasião dos ataques feitos nos Estados Unidos, agora perto de completar 10 anos, o jornalista Carlos Dornelles demonstrou-se preocupado com o que ele definiu como bombardeamento ideológico.

Não poderia existir episódio mais propício. Milhares tinham morrido nos atentados de 11 de setembro. Um ataque cruel, bárbaro. Quem poderia defender o assassinato de inocentes? Foi a ocasião ideal para um bombardeamento ideológico (DORNELES, 2003: 147).

Veja, Época, Istoé e Carta Capital deram, pela primeira vez no ano, capa para um mesmo assunto: a morte daquele que o Ocidente considerou uma grande ameaça. O foco aqui é discutir os critérios editoriais da reportagem principal, aquela que abre a cobertura sobre a morte de Bin Laden, nas duas maiores – Veja e Época. Ambas pertencem a conglomerados de mídia com grande poderio, as editoras Abril e Globo, respectivamente, e lideram o mercado de revistas semanais de informação com cerca de 1,5 milhão de exemplares se somadas as tiragens, contra menos de 400 mil de outras duas concorrentes, IstoÉ e Carta Capital, de acordo com os dados do ano passado da Associação Nacional dos Editores de Revistas (ANER, 2011).

Veja traz a chamada “O mundo depois de Bin Laden - o terrorista está no fundo do mar, mas suas ideias ainda vivem” (VEJA, nº19, 2011:1). A revista reservou 26 páginas à cobertura. A primeira matéria, assinada por Diogo Schelp, dialoga com a linha adotada



na capa. “O mundo depois de Bin Laden” (VEJA, nº19, 2011: 85) traz a seguinte linha fina: “A eliminação do terrorista saudita é uma grande vitória contra os jihadistas, mas o apelo ao extremismo permanece vivo” (VEJA, nº19, 2011: 85). No primeiro parágrafo do texto, para falar da ação norte-americana, o repórter recorre ao britânico Winston Churchill.

O premiê inglês Winston Churchill (1874-1965) dizia: "Os americanos sempre farão o que é certo... depois de terem esgotado todas as possibilidades". A tirada demonstra, por um lado, a força moral que move os Estados Unidos e, de outro, a capacidade às vezes patética de cometer equívocos amplificadas pelo gigantismo militar e econômico da superpotência (VEJA, nº19, 2011: 85).

Em seguida, Schelp expõe aquela que parece ser sua opinião ou simplesmente a linha editorial da revista para a qual escreve e a conecta à ação da elite da Marinha que matou Bin Laden, novamente na linha prescrita como modelo pelo político britânico.

E foi assim, obedecendo ao corolário de Churchill, que - depois de nove anos e oito meses de buscas, duas guerras, alguns escândalos de direitos humanos e 1,5 trilhão de dólares em gastos - um grupo de elite da Marinha americana invadiu o espaço aéreo paquistanês no meio da noite de 2 de maio e deu cabo da vida do terrorista saudita Osama bin Laden (VEJA, nº19, 2011: 85).

Nas linhas seguintes, Veja afirma que a morte de Osama faz desaparecer os “fantasmas” (VEJA, nº19, 2011: 85) de um período e prevê que, no futuro, essa era poderá ser chamada de “Década do Erro” (VEJA, nº19, 2011: 85). A matéria segue com um breve relato sobre expectativas que floresceram na virada do milênio. De acordo com Schelp, naquela ocasião o mundo se preparava para fazer do século XXI um período em que algumas questões importantes seriam resolvidas:

Negociar a solução dos conflitos remanescentes, passada a fase de acomodação da ordem global que se seguiu ao fim da Guerra Fria; e garantir que a liberdade econômica pudesse beneficiar uma parcela maior da população com melhorias em suas condições de vida (VEJA, nº19, 2011: 85).

Para Veja, as esperanças de sucesso eram justificadas porque não havia mais uma ameaça externa real à paz mundial, mas...

Osama bin Laden e sua trupe assassina desviaram o século XXI do rumo previsto e impuseram sua agenda de destruição e caos. Sua morte não garante o fim da ameaça terrorista, mas simboliza o término de um ciclo no qual o esforço por combatê-la ofuscou os outros desafios globais (VEJA, nº19, 2011: 86).

O texto caminha na direção sugerida pelo lide, que procura compreender a ação



norte-americana e, por isso, se recorreu a Churchill, cuja declaração explora o contraste entre a força moral que move os Estados Unidos e patética capacidade deles em cometer equívocos. Enaltece-se a força moral e doura-se a pílula ao falar do eufemismo que o substantivo equívoco representa. A linha é rudimentar: Osama pagou pelo que fez.

Bin Laden tinha uma conta alta a pagar. Meia década exercitando o assassinato em massa, principalmente na África e no Oriente Médio, culminou no seqüestro de quatro aviões usados nos atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, que mataram 3000 pessoas de 54 nacionalidades e das principais regiões- inclusive muçulmanos, os quais sua franquia do terror, a Al Qaeda, diz representar (VEJA, nº19, 2011: 86).

A reportagem também retoma a queda das Torres Gêmeas em 2001. Schelp descreve que Bin Laden foi o responsável por aquela ofensiva. Nas linhas subsequentes, a revista enfatiza que “as vítimas em Nova York, Washington e Pensilvânia naquela manhã de outono deixaram 3000 filhos órfãos” (VEJA, nº19, 2011: 86). O tom adotado ao mencionar essa orfandade mistura a justiça à condição de justiceiro.

(...) em nome da plena liberdade de informar, é mesmo fomentada a imagem do jornalista “justiceiro” que investiga até ao limite escândalos da esfera política e outros e está até em condições de tentar julgá-los antes que os tribunais, se disso for o caso, sobre eles se pronunciem (LETRIA, 2001: 64).

Em seguida, cria-se, criteriosamente, um ambiente para voltar a defender a ação norte-americana no Paquistão.

Por que recordar esses números? Porque uma parcela espantosamente significativa da humanidade, aí incluídos muitos brasileiros sem nenhuma afinidade com o radicalismo religioso da Al Qaeda, ainda acha que os Estados Unidos por alguma razão fizeram por merecer o ataque (VEJA, nº19, 2011: 86).

O repórter argumenta que essa foi a “maior vitória de Bin Laden” (VEJA, nº19, 2011: 86) que, “com seu discurso de vitimização dos árabes perante a Superpotência, fez vibrar mais forte a corda do ódio irracional aos americanos” (VEJA, nº19, 2011: 86). Veja, então, avalia, e quase sentencia: “trata-se de uma inversão da realidade” (VEJA, nº19, 2011: 86).

Diogo Schelp declara que as vítimas do 11 de Setembro não sabiam por que estavam sendo punidas, mas “Bin Laden, quando levou um tiro no peito e um na cabeça, sim” (VEJA, nº19, 2011: 86). Schelp também relata que a Marinha encontrou documentos que indicavam que a Al-Qaeda pretendia fazer novos ataques.

Os Seals encontraram em seu quarto cinco computadores, dez discos rígidos e centenas de pastas de documentos. Uma análise feita pela CIA revelou que pelo



menos parte desse material continha planos de novos atentados, um deles contra trens de passageiros nos Estados Unidos. (VEJA, nº19, 2011: 86).

Ainda segundo a primeira matéria da edição especial da principal revista brasileira semanal de informação, a Al Qaeda não deixou de agir desde o 11 de setembro. Ocorreram “22 atentados atribuídos ao grupo de Bin Laden, 18 deles em países islâmicos” (VEJA, nº19, 2011: 86). O levantamento, diz o texto, não leva em conta outros ataques “inspirados na Al Qaeda ou cometidos por suas filiais, como a do Iraque, especializada em massacrar outros muçulmanos” (VEJA, nº19, 2011: 86).

Em seguida, Veja apresenta nova profecia, sempre carregada de pregação ideológica, sobre a morte de Bin Laden. Para a revista, o “legado” (VEJA, nº19, 2011: 86) que deve sobreviver com o “desaparecimento” (VEJA, nº19, 2011: 86) dele é o da “disseminação de uma ideologia que emprega a guerra santa contra a civilização ocidental como um fim em si mesmo, com uma vaga pretensão de reconstruir no Oriente Médio o califado islâmico do século VII” (VEJA, nº19, 2011: 86). Schelp acrescenta que, por isso, ao anunciar a morte de Bin Laden, Barack Obama fez a ressalva de que a “guerra ao terror não terminou” (VEJA, nº19, 2011: 86). O texto tenta explicar: “há no mundo islâmico, bolsões radicais que continuarão alimentando a Al Qaeda e similares com terroristas” (VEJA, nº19, 2011: 86). Um desses lugares, diz Schelp, é o Paquistão.

Veja cita que uma das mulheres de Bin Laden, interrogada por autoridades paquistanesas, afirmou que ela e o marido ficaram o tempo todo sem sair de casa. A revista dá a entender que as autoridades do país fizeram “vistas grossas” à presença do terrorista. “(...) é estranho que o serviço de inteligência do país, o ISI, não soubesse que o homem mais procurado do mundo estava ali, a poucos quilômetros da capital, nas barbas e bigodes de seus agentes” (VEJA, nº19, 2011: 87).

Diogo Schelp sobe o tom para dizer que o “paradoxo”(VEJA, nº19, 2011: 87) é que, justamente pela “conivência” (VEJA, nº19, 2011: 87) das forças paquistanesas com os extremistas, os Estados Unidos não podem interromper a ajuda que dão aos militares daquela nação. Veja, capaz de mensurar todos os riscos ao Ocidente e prescrever – visionariamente - o antídoto adequado a cada um deles, é categórica: “é melhor tentar cooptá-los do que deixar que os fundamentalistas tomem conta de vez do país, cujo arsenal nuclear é o que mais cresce no mundo” (VEJA, nº19, 2011: 87). Quais evidências históricas recentes comprovam o que se chama, em tom sentenciador, de conivência? Nas linhas finais, o repórter contextualiza se a morte de Osama pode ser



considerada o fim de um ciclo e garante que, sem ele, “o mundo ficou melhor”.

Se a ideia do terrorismo islâmico não foi sepultada para sempre no fundo do Mar da Arábia junto com o corpo do seu mentor, como é possível afirmar que um ciclo se fecha e já se pode pensar em pôr o século XXI de volta ao seu eixo? Porque a morte de Bin Laden ocorreu justamente no momento em que sua ideologia vem perdendo apelo junto às massas islâmicas, como comprovam os protestos que derrubaram ou tentam derrubar ditaduras no Oriente Médio, nos últimos quatro meses. Esses movimentos árabes podem até levar à criação de estados islâmicos, como é a esperança de grupos como a Irmandade Muçulmana, no Egito, mas não ocorrem sob a ideologia do binladismo nem se valem das mesmas táticas violentas: o mundo, sem dúvida, é um lugar melhor sem Osama bin Laden (VEJA, nº19, 2011: 87).

Com este *happy end* bem próximo da análise que faz a obra de Eugênio Bucci, ao percorrer o fim quase sempre edificante das edições do Jornal Nacional – o livro *Sobre Ética e Imprensa* (2000) -, o principal título da Editora Abril encerra a primeira de uma série reportagens que pouco reportam, contextualizam à moda *Veja de ser* (o que implica pregar muito e substituir informação por formação), com a argumentação de que há casos em que a morte, ainda que com todas as nuances de uma possível execução, pode ser uma grande bênção. Patrick Charaudeau (2009) explica que a imprensa pode deformar a realidade.

Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda. São vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformado, mostram cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo (CHARAUDEAU, 2009:20).

O bem, eles garantem, triunfou. E os leitores de *Veja* podem, enfim, compreender que a morte de Bin Laden talvez os faça dormir em paz.

1.1. A mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores e o mesmo jardim...

A revista *Época* é a segunda maior do País entre as semanais. Repensar o próprio conteúdo, até para que fosse possível uma concorrência mais acirrada com *Veja*, poderia ser um estímulo e tanto, inclusive para os leitores. Mas a concorrente mais próxima de *Veja*, cuja tiragem representa módicos 40% do que a publicação da Editora Abril roda semanalmente, esteve cuidadosamente alinhada ao tom adotado pela líder em circulação. Essa visão convergente e aparentemente homogênea de leitura dos fatos é o que Dominique Wolton cita em *Pensar a Comunicação* (2004).



Hoje, o que se separa e distingue os jornalistas entre eles são menos os fatos que a interpretação deles. Se vários jornalistas, pertencendo a diferentes formas de imprensa, constatam que reagiram da mesma forma diante de tal fato nacional ou internacional, tendem a concluir que, apesar de sua diversidade, viram o essencial do acontecimento. Em outras palavras, reagir mais ou menos da mesma maneira é para eles a prova de uma boa percepção da realidade (WOLTON, 2004:288).

Época, de 7 de maio, também se intitula como “Edição Especial”. Com um fundo preto na capa, a imagem de Bin Laden aparece amassada como se fosse uma bolinha de papel, sob a manchete em forma de pergunta: “O fim?” (ÉPOCA, 2011:1). Assinada a oito mãos, a primeira matéria recebeu a manchete “Acerto de contas” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011). Na linha fina, os quatro repórteres, em tom bem parecido ao de Veja, dão a entender que a morte de Osama trouxe uma resposta a familiares das vítimas do 11 de setembro.

Uma década após o maior atentado terrorista da história, milhares de famílias finalmente obtiveram uma resposta para sua dor irreparável. Que efeito a morte de Bin Laden terá para os parentes das vítimas, para a sociedade – e para a história (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

Os repórteres narram a reação de um pai no momento em que assistia pela TV o local onde sua filha trabalhava ser atingido por dois aviões.

Antônio Fajardo Filho viu pela televisão, desnorreado e impotente, as cenas dos dois aviões que se chocavam contra as Torres Gêmeas do World Trade Center, no centro financeiro de Nova York. No 98º andar da torre norte, atingido em cheio por uma das aeronaves, estava a filha de Antônio, Sandra Fajardo Smith. Depois de trabalhar como garçomete para custear o curso de ciências contábeis, ela conseguiu um emprego na corretora Marsh Inc. Viveu seu sonho americano por três anos antes de morrer, aos 37, vítima do maior atentado terrorista da história, com quase 3 mil pessoas, entre elas outros três brasileiros (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

Época ainda sugere que a operação militar norte-americana foi parecida com a de um filme e que o pai de Sandra ficou sem reação ao saber da morte de Bin Laden.

(...) quando Fajardo soube da morte do mentor dos ataques, o terrorista Osama bin Laden, na cinematográfica ação americana na cidade paquistanesa de Abbottabad, ficou tão desnorreado e impotente quanto dez anos atrás. “Não quero falar nisso. Pelo amor de Deus. Essas coisas de filha acabam com a vida da gente”, disse ele ao ser abordado pela reportagem de ÉPOCA em Belo Horizonte, onde mora (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

Nos cinco anos seguintes à morte da filha, informam os repórteres, Antônio ficou isolado e optou por não falar. Ao enfrentar experiência semelhante, o médico Ivan



Fairbanks Barbosa, de 70 anos, não esquece o dia em que recebeu a notícia de que seu filho, também chamado Ivan, estava entre as vítimas do ataque às Torres Gêmeas. A matéria garante que a morte de Osama deixou este pai satisfeito. O tom é o de vingança do Ocidente ou da ideia - editorialmente muito questionável - que insinua que Bin Laden colheu o que plantou.

Na noite do domingo passado, Ivan foi dormir sem saber que estava morto o responsável pela morte de seu filho. Foi descobrir o que acontecera ao ler a manchete de um jornal na manhã de segunda-feira. E não escondeu que era um momento de felicidade. “Não desejava outra coisa para esse cara”, diz ele. “Para ser sincero, se fosse possível, queria que o Bin Laden morresse de um modo devagar, como ele fez o pessoal do prédio morrer.” Num mundo em que a sensação de impunidade é tão frequente, Ivan diz que é bom saber que o terrorista pagou por seus crimes com a vida. “Saber da morte de Bin Laden me energizou positivamente”, afirma ele. “No fim, senti certo prazer em saber que a justiça foi feita” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

É sempre cômoda a seleção de fontes para validar, quase a todo custo, a sensação de que a justiça foi mesmo feita. Cremilda Medina (2008) é uma crítica contumaz deste jogo de cartas marcadas no processo de elaboração da pauta. O que se percebe na seleção de fontes da *Época* é a procura por personagens que deem as aspas, legitimem o que a revista parece predisposta a afirmar, já que a leitura ou a interpretação do processo em si já fora feita, inclusive no título *Acerto de Contas*.

Não é por acaso que todo eficiente editor tem agenda de telefones úteis na gaveta da mesa de trabalho (se não for no bolso). Ali estão catalogados, para qualquer circunstância, os entrevistados *pret-à-porter*, ou melhor, pronto -a- editar. São, quase sempre, figuras proeminentes de cada setor, cuja palavra se mede pelo poder que representam. E quando se quer dar um pouco de tom popular à reportagem joga-se o repórter (em geral, se iniciando na profissão) na rua, ele vai lá colhe depoimentos do povo. "O povo fala", como se convencionou chamar na televisão. A pauta e a seleção de vozes para serem amplificadas pela comunicação coletiva denotam, portanto, este dirigismo autoritário (e/ou cômodo da rotina) de entrevistas-padrão com figuras sociais também padrão (MEDINA, 2008:26).

Segundo os repórteres, a frase “Justiça foi feita” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011) foi a que mais se destacou no discurso do presidente norte-americano depois da operação. Ela também foi manchete de dois dos principais jornais norte-americanos, o *The New York Times* e o *Washington Post*.



Figura 1. Capa *The New York Times* 02/05/2011



Figura 2. Capa *Washington Post* 02/05/2011

As duas semanais brasileiras compraram a ideia de que a justiça foi, enfim, feita. *Época* ainda relata que Obama sequer havia terminado seu pronunciamento e milhares de americanos saíam às ruas para, num civismo de gosto duvidoso, “comemorar” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011). Em seguida, o título da Editora Globo expõe uma opinião, volta a endossar a ação norte-americana e até levanta algumas questões, sem no entanto se aprofundar no contexto que poderia diferenciar a cobertura.

Obama fez o que lhe cabia na condição de comandante de uma nação que sofrera um ataque tão ignóbil. E certamente estava feliz por ter eliminado uma figura que personificava o mal. Mas até que ponto a morte de Bin Laden representa um acerto de contas definitivo entre o terror e suas vítimas? Que efeito a ação americana terá na sociedade e no curso dos eventos que determinam a história da humanidade? (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

O texto até cita que as circunstâncias da morte de Bin Laden geraram questionamentos sobre se os “Estados Unidos não fizeram apenas uma ação de vingança para se livrar de seu maior inimigo” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011). Para *Época*, a ofensiva dos militares americanos desperta “sentimentos ambíguos” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011) mesmo em pessoas como Antônio e Ivan, que perderam filhos nos atentados. Segundo a matéria, eles “teriam apenas motivos para sentir um alívio – ainda que pequeno – em uma dor que começou há dez anos” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011). Os repórteres insistem na ambiguidade e recorrem à análise de um psicólogo americano que não teve um parente morto na tragédia, mas

foi um sobrevivente dela.

Quando eu soube da morte de Bin Laden, experimentei uma mistura de sentimentos”, diz o psicólogo americano Frederick Woolverton, cuja casa ficava a dois quarteirões do World Trade Center e foi parcialmente destruída pelo ataque. “Foi bom saber que uma pessoa que fez tanto mal para a minha família tinha sido morta. Mas imediatamente pensei: ‘Não posso sentir isso, porque essa pessoa má é uma pessoa’. Uma morte não pode justificar outra morte, apesar de nos dar conforto (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

Época conta que a filha de Woolverton, então com quatro anos, ficou tão traumatizada pelas horas que passou no cenário da tragédia que parou de falar, não conseguia dormir e achava que fosse morrer a qualquer momento. A matéria descreve que, para tentar ajudar a filha, Frederick resolveu recuperar seu “cobertor de estimacão” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011), que, como todos os objetos pessoais da família, tinha ficado para trás. O texto afirma que Woolverton conseguiu resgatá-lo “furando” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011) os bloqueios com a ajuda dos próprios policiais que, segundo a revista, ficaram “sensibilizados com sua história”. (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011). Os repórteres completam e usam um aposto para mostrar quão qualificada é a fonte: “segundo Woolverton, um especialista em trauma, saber que quem lhes fez mal não terminou impune ajuda as pessoas a se sentir melhor” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

Nas próximas linhas, os repórteres de Época ponderam que tentar entender as reações das pessoas diante da notícia da morte de Osama não é uma tarefa fácil e recorrem novamente a depoimentos de pessoas que, de alguma forma, tiveram ligação com a tragédia e expressaram alegria com a morte de Bin Laden.

O caso de Bin Laden tem uma dimensão tão incomum para os padrões habituais de justiça que é quase vão tentar entender como a sociedade deve absorvê-lo. A premiê alemã, Angela Merkel, disse sentir “alegria” por ter sido possível matar o terrorista. (...) O americano Lee Ielpi, presidente da Associação de Famílias do 11 de Setembro, afirma que o sentimento de felicidade foi geral entre os parentes com quem teve contato. Ielpi, bombeiro aposentado da cidade de Nova York, perdeu 300 colegas de corporação no atentado, entre eles o próprio filho, Jonathan, então com 29 anos. Ielpi estava num trem quando recebeu um telefonema sobre a morte de Bin Laden e começou a chorar. “Sabia que esse dia viria, mas não esperava que fosse sentir tanta emoção. O significado das lágrimas é que completamos a missão, a missão a que o governo se propôs”, diz. Suas lágrimas, segundo ele, não refletiam só um conforto para seu luto, mas todo o sentimento pelos que se foram (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

Se o jornalismo também é um instrumento pelo qual se contextualiza ponto e

contraponto, e essa é uma busca recorrente em pautas, a tragédia de 11 de setembro pode ter sido apenas parte de um problema bem mais amplo, realmente complexo. Quase no encerramento do texto de abertura da “cobertura especial”, Época resolveu se lembrar disso, deste exercício fundamental para o estabelecimento do diálogo com opiniões que fujam de um enfoque-padrão e busquem ir além dele.

A irmã de Ivan, Roberta Fairbanks, de 35 anos, não se alegrou com a morte de Bin Laden. “É uma sensação de alívio saber que essa pessoa não existe mais, que as coisas que ele fez não ficaram por isso mesmo”, diz Roberta. “Mas não há motivo para comemoração, porque meu irmão não voltará.” Para Roberta, não é possível atribuir à pessoa de Bin Laden toda a culpa pela morte do irmão. “Ele era só a ponta de uma organização muito mais complexa”, diz ela (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

A revista indica que essa “dificuldade” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011) em identificar “um único culpado torna mais intensa” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011) a dor das famílias das vítimas. Para Época, “não há certeza de que outros inocentes não serão sacrificados em nome da ideologia do terror” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011). Os repórteres concluem: “é mesmo um desafio entender os mecanismos que levam alguém a dar apoio a terroristas” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011). O texto conta ainda que islâmicos “simpatizantes” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011) da Al-Qaeda, na capital da Indonésia, Jacarta, reuniram-se para rezar por Bin Laden. Havia cartazes chamando de “assassino” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011) o presidente Barack Obama. E Época prevê: “é provável que sua morte ajude a atrair mais jovens para as hostes do terror” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

Para a revista, a escalada da violência entre os “terroristas e os Estados Unidos é um temor que faz sentido” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011). Para validar os catastróficos ou visionários argumentos, Época recorre à história de um cartunista que sofreu ameaças.

Para Kurt Westergaard, o cartunista dinamarquês que recebeu ameaças depois de desenhar uma charge do profeta Maomé com um turbante recheado de bombas, o Ocidente deve esperar mais atentados nos próximos meses. Os braços da Al-Qaeda continuam ativos em todo o mundo e preocupam as autoridades até em países considerados tranquilos, como Brasil (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

Será que os quatro repórteres não conseguiram imaginar que, radicais ou não, aqueles que fizeram essas ameaças ao cartunista dinamarquês podem ter se sentido

extremamente ofendidos ou desrespeitados em suas crenças? Não se busca validar a ameaça, muito menos a intolerância, mas não teria sido perspicaz do ponto de vista editorial mostrar o que ela pressupõe?

De acordo com o texto, há quem defenda uma atitude oposta ao confronto para resolver o problema do terror. E é novamente no fim desta reportagem que a preocupação com direitos universais surge. Uma, entre tantas vozes que endossaram e compreenderam a ação norte-americana, optou por questionar a ofensiva.

“Bin Laden certamente merece punição, mas matá-lo nessas circunstâncias não preenche os requisitos de uma punição justa”, afirma Judith Lichtenberg, professora de Direito e filosofia da Universidade Georgetown, em Washington. “Para isso, é preciso um julgamento ou, no mínimo, algum tipo de procedimento formal” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

Em seguida, *Época* questiona se seria viável levar Osama a um júri e ouve Brian Orend, diretor de estudos internacionais e professor de filosofia na Universidade de Waterloo, no Canadá. “Que nação gostaria de abrigar o julgamento de Bin Laden? Ninguém gostaria de segurar aquela batata quente – o que significa que os EUA teriam de fazê-lo sozinhos”, diz Orend (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011). Nesse sentido, os repórteres afirmam que, para Brian, a morte de Bin Laden foi uma “‘solução razoavelmente limpa’ ainda que não ‘perfeita ou idealmente justa’, para o maior terrorista da história” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

A revista avalia que o mais perto que a história chegou daquilo que seria um “eventual” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011) julgamento de Bin Laden foi a captura, condenação e execução do oficial nazista Adolf Eichmann, no início dos anos 60. A matéria indica que este caso também foi questionado e o compara ao de Osama.

Ele foi sequestrado na Argentina, onde estava escondido, por agentes israelenses, numa operação semelhante à que os americanos usaram para pegar Bin Laden no Paquistão. Foi levado à força para Israel, onde depois foi executado. Embora não discordasse de sua condenação à morte, a filósofa política Hannah Arendt, então enviada especial da revista *The New Yorker* ao tribunal, levantou uma discussão relevante: até que ponto o julgamento de facínoras como Eichmann – ou Bin Laden – não se transforma num teatro para justificar instintos de vingança (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

Nas linhas finais, a revista sugere que ainda há pessoas que entendem que vingança é sinônimo de justiça, mas esse método foi descartado há séculos. “Embora seja a base do sistema de justiça da humanidade, a ideia de vingança foi abandonada

como medida para a punição a partir do século XVIII” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011) . A reportagem completa: “segundo a filosofia utilitarista do jurista inglês Jeremy Bentham, a Lei de Talião – 'olho por olho, dente por dente' – foi substituída pela ideia de uma justiça restaurativa, exercida pelo Estado sem a paixão vingativa” (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011). No último parágrafo, a reportagem vira editorial:

Justa ou vingativa, a punição que coube a Bin Laden não vai reparar os danos de quem sofreu com seu mal. A punição que coube a Bin Laden será incapaz de reparar os danos dos crimes cometidos por ele e seus seguidores. Nada trará de volta Sandra, Ivan, Anne Marie, nem nenhuma das vítimas (SORG; JUNIOR; MATEUS; FENILI, 2011).

Veja e Época, a segunda de forma mais branda em relação à primeira, mostraram que em pleno século XXI, e diante do que se constatou como ameaça real, toleraram o que quase 1800 anos antes de Cristo, foi chamada na História Antiga de Lei de Talião.

Curiosamente, boa parte do Iraque hoje está no território que um dia abrigou a Mesopotâmia. O Brasil, felizmente, nunca a adotou oficialmente. Nem nas redações.



Figura 3. Capa Veja-11/05/2011



Figura 4. Capa Época-07/05/2011

Considerações finais

A imprensa brasileira, tendo como base o recorte as principais revistas semanais de informação, mostrou-se mais alinhada à visão que os Estados Unidos projetaram sobre o Ocidente em relação à morte de Bin Laden do que preocupada em discorrer sobre os efeitos da operação militar norte-americana. Os dois veículos, para usar um jargão do meio, “embarcaram” na deles, como já havia *denunciado* Carlos Dorneles.

No Brasil, onde as editoriais internacionais são cada vez mais reduzidas e o



número de correspondentes cada vez menor, a dependência foi avassaladora. Articulistas e jornalistas do New York Times tornaram-se presença diária nos jornais (DORNELES, 2003: 119;120).

A mídia, de modo geral, confunde a luz que projeta sobre o mundo com a luz do mundo, diz Dominique Wolton (2004). Em *Discurso das Mídias* (2009), Patrick Charaudeau é mais categórico: a informação é essencialmente uma questão de linguagem e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual constrói uma visão, um sentido particular do mundo (CHARAUDEAU, 2009:19).

Nenhuma sociedade evolui pela simples ação de palavras de ordem- ainda que fossem provenientes de um sistema totalitário; de predições- ainda que tivessem a força das crenças religiosas (“A história do mundo é um cemitério de profecias que fracassaram”) (CHARAUDEAU, 2009:29).

A morte de Bin Laden foi um fato que poderia ter rendido uma discussão pública além do triunfo do bem sobre o mal. Em vez de se preocupar em avalizar a vingança norte-americana como um mal necessário, capaz de confortar parentes das vítimas do 11 de setembro, as duas principais revistas semanais de informação tinham condições de ir além do conservadorismo que as contaminou.

A cada momento, o informador deve perguntar-se não se é fiel, objetivo ou transparente, mas que efeito lhe parece produzir tal maneira de tratar a informação e, concomitantemente, que efeito produziria uma outra maneira, e ainda uma outra, antes de proceder a uma escolha definitiva (CHARAUDEAU, 2009:38).

Veja e *Época* pouco fizeram por uma abordagem diferenciada, que fugisse da simples compreensão da ofensiva norte-americana e importaram-se bem mais com o credo de boa parte dos jornais americanos segundo os quais a “justiça foi feita”. A frase, que é um trecho do discurso proferido pelo presidente Barack Obama, as inspirou. Em entrevista ao *Le Monde Diplomatique Brasil* (2007), Noam Chomsky explica que essa é uma estratégia pela qual uma ideologia se afirma:

Não esqueçamos de como uma ideologia se afirma. Para dominar, a violência não basta. É preciso uma justificativa de outra natureza. Assim, quando uma pessoa exerce poder sobre outra, seja um ditador, um colonizador, um burocrata, um patrão ou um marido, ele precisa de uma ideologia justificadora, que sempre redunde na mesma coisa: a dominação é exercida para “o bem” do dominado. Em outras palavras, o poder se apresenta sempre como altruísta, desinteressado, generoso (LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, 2007).

O jornalismo, ainda mais o de revista, pode ir além de recortes assim. “É tempo de o poder mediático, demasiado dependente dos interesses econômico-financeiros e das suas engenhosas e maquiavélicas estratégias de influência, pensar nas responsabilidades que lhe cabem em todo este processo” (LETRIA, 2001: 9). Até que ponto um jornalismo que se permita olhar para as suas responsabilidades, inclusive éticas, mas inicialmente voltadas ao conteúdo produzido e à seleção de fontes, poderá se diferenciar e se transformar num alento?

Referências Bibliográficas

- ANER. **Associação Nacional de Editores de Revistas**. Circulação. IVC. Maiores semanais, 2011. Disponível em:<<http://www.aner.org.br/Conteudo/1/artigo42424-1.asp>> Acesso em 01 de julho de 2011.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- DORNELES, Carlos. **Deus é inocente: a imprensa, não**. São Paulo: Globo, 2003.
- ÉPOCA. **Capa. “O fim?”**. São Paulo: Editora Globo, edição 677, 2011.
- LETRIA, José Jorge. **O terrorismo e os “media”**: *o tempo de antena do terror e outras reflexões*. Lisboa: Hugin, 2001.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista - o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.
- SORG, Letícia; JUNIOR, Eliseu Barreira; MATEUS, Leopoldo; FENILI, Letícia. **Acerto de contas**, 2011. Disponível em:< <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI231475-15227,00-ACERTO+DE+CONTAS.html> > Acesso em 03 de julho de 2011.
- VEJA. **Capa “O mundo depois de Bin Laden”**. São Paulo: Editora Abril, edição nº 2216 – ano 44 – nº 19, 2011
- VEJA. **Especial – O mundo depois de Bin Laden. Diogo Schelp**. São Paulo: Editora Abril, edição nº 2216 – ano 44 – nº 19, 2011
- WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.
- FIGURA 1. Capa *The New York Times* -02 de maio de 2011. Disponível em:< <http://apple.copydesk.org/2011/05/02/the-stories-behind-todays-osama-bin-laden-front-pages/>> Acesso em 04 de julho de 2011.
- FIGURA 2. Capa *Washington Post*- 02 de maio de 2011. Disponível em:< <http://apple.copydesk.org/2011/05/02/the-stories-behind-todays-osama-bin-laden-front-pages/>> Acesso em 04 de julho de 2011.
- FIGURA 3. **Capa Veja-11/05/2011. VEJA. Capa “O mundo depois de Bin Laden”**. São Paulo: Editora Abril, edição nº 2216 – ano 44 – nº 19, 2011
- FIGURA 4. **Capa Época-07/05/2011- ÉPOCA. Capa. “O fim?”**. São Paulo: Editora Globo, edição 677, 2011. Disponível em:< <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EGG0-15210,00.html>> Acesso em 03 de julho de 2011.